



Apresentação

Apresentação

Estar de acordo com a proposta da assembleia do XXVII Encontro Nacional da Anpoll, realizada em julho de 2012, na qual se decidiu que o tema da revista para 2013 seria PENSAR E PRODUZIR INOVAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA foi o que moveu a organização do presente número.

A julgar pelos textos submetidos, compreendeu-se que para pensar e produzir “inovação” em Literatura não se pode descuidar da investigação sobre sua interface com o meio digital. Nesse sentido, a primeira parte da revista reúne um *corpus* de sete artigos acerca do tema em questão. A segunda parte, apresenta uma seção com outros sete estudos que contemplaram uma discussão não menos relevante sobre perspectivas críticas e teóricas contemporâneas.

O artigo de Maria Clara Paixão de Sousa intitulado TEXTO DIGITAL: UMA PERSPECTIVA MATERIAL abre o rol dos artigos que prometem uma discussão atual sobre a relação escrita e meio digital, pois avalia em que medida a difusão digital instaura uma nova materialidade para o texto. Após postular que da participação conjunta entre a lógica artificial e a lógica natural resulta um documento “descorporificado”, sendo essa a propriedade conceitual fundante do texto digital, o artigo conclui apostando na ideia de que para uma compreensão da dimensão material completa do texto digital urge pensá-lo como a superfície tecnológica de uma revolução na nossa sociedade de saber.

Em PROCESSOS INTERDISCURSIVOS EM LETRAS: LINGUAGENS E MÍDIAS NO PROCESSO DE INOVAÇÃO DA ÁREA, Rogério Barbosa

da Silva e Wagner José Moreira centram o investimento discursivo no diálogo entre a linguagem e o tecnológico dentro de processos que recortam as esferas histórica, temporal, discursiva e audiovisual, para dedicar especial atenção às poéticas interartes.

No artigo CULTURA E TECNOLOGIA: A AUTOMAÇÃO NOS PROCESSOS CRIATIVOS DAS NARRATIVAS, Fernando Fogliano considera que a automação é o aspecto mais evidente da presença de tecnologias nos dispositivos utilizados para a produção, pós-produção e disseminação da atividade cultural, compreendendo a Linguagem como elemento integrador na busca pelo estabelecimento de um cenário capaz de atender às demandas conceituais colocadas pela convergência tecnológica.

Em NOVOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO LITERÁRIA? Alckmar Luiz dos Santos indaga sobre o estatuto de escritos sobre obras virtuais investigando em que medida textos de especulação, de esboço e projeto de criações digitais podem ser lidos como objetos de arte, e de arte literária.

Já discorrer sobre os desafios enfrentados por pesquisadores e professores interessados no ensino de literatura digital em instituições formais de ensino é o que se pretende em DESAFIOS PARA O ENSINO DA LITERATURA DIGITAL, de Edgar Roberto Kirchof. O artigo privilegia a relação entre poéticas de vanguarda e a poesia digital e apresenta os resultados de alguns projetos pedagógicos realizados com ensino de literatura digital em diferentes universidades europeias.

PALAVRA, CENA E MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA: EDIÇÃO ONLINE DE OBRAS DRAMÁTICAS CLÁSSICAS, artigo de Marcus Mota, entre sucessos e adversidades, se exhibe como um relato de experiência de um projeto realizado recentemente no Laboratório de Dramaturgia da Universidade de Brasília, intitulado “Tragédia e hipertexto: desenvolvimento de edição *online* de obras dramáticas clássicas”, que objetivava a gestação de um protótipo de uma interface *online* por meio da qual se disponibilizaria ao usuário um conjunto de dados visuais e sonoros elaborados a partir da textualidade de uma tragédia grega.

O artigo AS TESSITURAS INVISÍVEIS DO VERBO, de Cleomar Rocha, Carina Ochi Flexor e Elias Bitencourt, discorre sobre a relação texto e imagem em código digital propondo que, mesmo em versões múltiplas do

hipertexto, o texto mantém sua estrutura linear, tanto de escrita quanto de leitura. Conclui-se com uma reflexão sobre a literatura digital questionando se há um gênero novo ou variações da mesma matriz, em outro suporte.

Afora os textos diretamente relacionados à temática PENSAR E PRODUZIR INOVAÇÃO EM LITERATURA, também compõe este número sete outros artigos que, embora tangenciem a referida ideia de inovação, não deixam de discutir temas atuais caros aos estudos literários, seja no que diz respeito às relações teoria literária e interdisciplinaridade, o lugar do textor (no) contemporâneo, às diferentes práticas de escritura, bem como à aproximação entre cenografia e hipertextualidade e as relações entre cinema e literatura.

Percorrendo territórios outros, o artigo EM TORNO DA PAISAGEM: LITERATURA E GEOGRAFIA EM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR, de Ida Alves abre a segunda parte da revista. Aqui, a pesquisadora desenvolve uma reflexão sobre a relação Literatura e paisagem, a partir de fundamentação teórico-crítica que trata a paisagem como construção cultural capaz de expressar de maneira questionadora a relação entre sujeito, mundo e palavra.

Para discutir a inserção da Literatura no espaço social enquanto ferramenta de atuação cultural, no artigo LITERATURA COMO FERRAMENTA PARA PENSAR E INTERVIR NO MUNDO, Rejane Pivetta de Oliveira elege como objeto de análise o papel de autor-produtor de Sérgio Vaz, considerando-o um dos representantes mais significativos da criação literária emergente na periferia de São Paulo.

Já em MULTIDÃO E VULNERABILIDADE: POETAS E NOVAS POLÍTICAS DE SUBJETIVAÇÃO, Sandro Ornellas estuda a figura do poeta como um tipo de crítico cultural. O artigo se concentra em avaliar os processos de subjetivação ligados a certas práticas político-culturais contemporâneas, amarrando essa discussão à noção de vulnerabilidade articulada à políticas discursivas de gênero.

Em PENSANDO A TEORIA LITERÁRIA À LUZ DA INTERDISCIPLINARIDADE, Luiz Carlos Moreira da Rocha, para justificar a premência de interação entre diferentes disciplinas acadêmicas, avalia em que medida a transposição de contextos e personagens históricos para o ambiente literário e formas de narrativa mantém na ordem do dia as postulações da metaficção historiográfica, nova história e pós-colonialismo.

Em A INOVAÇÃO DO MAL ESCRITO: LIMA BARRETO E ROBERTO ARLT, de Keli Pacheco, articula-se uma discussão sobre a relação entre o “ordinário” do trabalho e a “excepcionalidade” artística, tendo como hipótese de leitura a ideia que aborda o mal escrever como um importante modo de questionamento da instituição literária e do próprio mito de autor.

Na sequência, com o artigo intitulado ENTRE A MEMÓRIA E O DESEJO DAS CIDADES INVISÍVEIS: A CENOGRAFIA DO DISCURSO LITERÁRIO, Ernani Cesar de Freitas, Fabiane Verardi Burlamaque, Débora Facini investem numa análise de *As cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino, considerando a sua construção não linear a partir do cruzamento de teorizações sobre os conceitos de cenografia e hipertexto.

E, finalmente, Cláudio Celso Alano Cruz, em O BONDE DE ORFEU: CONSIDERAÇÃO SOBRE UM ENGUIÇO, sem disfarçar o laivo testemunhal, registra suas impressões de leitura sobre a peça *Orfeu da Conceição*, de Vinicius de Moraes. O artigo tece considerações sobre a adaptação cinematográfica *Orfeu negro* que o diretor francês Marcel Camus concluiu em 1959, e discute em que medida a transposição para uma favela carioca do mito grego de Orfeu foi capaz de suscitar uma reflexão sobre a constituição de uma consciência negra no país.

Para finalizar, agradecemos especialmente aos autores que contribuíram para a corporeidade deste número, e que esta edição seja capaz de animar diálogos sobre a questão do pensar/produzir inovação na esfera dos estudos literários.

Andréia Guerini
Stélio Furlan
Organizadores